

O Estado de S. Paulo

1/6/1984

Reforma agrária imediata e à força

"Terra não se ganha, se conquista." A frase, num grande painel instalado atrás da mesa coordenadora, identificou, antes de seu início, quais seriam as principais conclusões do Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra, realizado em janeiro deste ano em Cascavel (PR) com a participação de representantes de 12 Estados: envolver o trabalhador rural "bóia-fria" para acelerar uma reforma agrária que resulte na produção e comercialização coletivas e que permita o surgimento de uma nova sociedade no País, em que a classe trabalhadora consiga criar suas próprias leis.

Na prática, o encontro promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra entendeu que já não é mais possível o diálogo entre lavradores e governo e que a ocupação (invasão) de áreas é a única solução para forçar as autoridades a atender às reivindicações, pregando para isso a união na luta pela conquista da terra, a articulação das invasões e organização do movimento onde ele não existe. E definiu as terras prioritárias para invasões, as áreas de empresas multinacionais, dos latifúndios extensivos de cana e pecuária, terras públicas mal aproveitadas, em mãos de quem não precisa ou não é agricultor.

Foi além, o encontro, de Cascavel, que durante dois dias reuniu 92 pessoas, entre lavradores, sindicalistas e agentes pastorais, no Centro Diocesano de Formação daquela cidade, decidiu: "Precisamos continuar nos organizando nas delegacias sindicais, nas comunidades, dentro do movimento popular, sobretudo dentro de um partido político, pois é uma organização política que nos dará força para derrubar esta ditadura militar". E salientou: "Na verdade, só vai melhorar a situação do povo trabalhador quando a classe trabalhadora dirigir este País".

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra surgiu a partir da invasão de glebas em Ronda Alta (RS), quando os bóias-frias invasores passaram três anos acampados à beira de uma estrada, até que o governador Jair Soares decidiu desapropriar uma gleba para ser vendida aos trabalhadores. Oficialmente foi o próprio trabalhador sem terra quem fundou a entidade, mas ela foi inspirada pelos agentes da Comissão Pastoral da Terra — CPT —, organização ligada à CNBB que permite à ala progressista da Igreja atuar com maior liberdade, sem que o próprio clero progressista seja diretamente envolvido.

É também uma verdadeira bomba de efeito lento e constante contra a linha conservadora da Igreja, vista como verdadeira inimiga por seus dirigentes, na medida em que "prega o sofrimento do povo como necessário para purificar o espírito". Hoje, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra está organizado em São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, pregando que "a melhor forma de engajar esse pessoal (o bóia-fria) é o de envolvê-lo por um motivo qualquer, mínimo que seja. É pelas coisas simples que o trabalhador começa a sentir o aspecto mais político do problema da terra começa a participar. O movimento hoje é de âmbito nacional e exige um trabalho de formação mais lento, pois em cada canto do País existe uma semente".

Estrutura

Ninguém sabe ao certo qual é a verdadeira estrutura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. Seus integrantes evitam abordar o assunto, não falam sobre quem o mantém ou quem paga suas despesas, que incluem desde a publicação de impressor até a manutenção de pessoas exclusivamente a seus serviços. É apoiado pela CPT que mantém um eficiente esquema de trabalho e de comunicação, suficiente para contratar agentes pastorais e arcar com gastos de seguidas ligações telefônicas interurbanas.

Tanto o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra como a CPT buscam os mesmos objetivos e muitas vezes um agente de pastoral é também um membro daquele movimento. São considerados amigos todos aqueles que possam contribuir para que o processo de invasão de uma área apresente resultados positivos. E inimigos, deles e do povo, aqueles que se atrevem a adotar posições que contrariam seus interesses, inclusive os jornalistas que pretendem ser apenas fiéis aos fatos.

O informativo Sem Terra, impresso em off-set e editado em Porto Alegre, já alcançou uma tiragem de sete mil exemplares e anuncia para junho a primeira edição do Jornal dos Trabalhadores Sem Terra, com 12 páginas e uma tiragem inicial de dez mil exemplares para circular em todo o País. Tudo por conta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra — Regional Sul.

Em São Paulo, o movimento nasceu e cresceu principalmente na região de Andradina, na Diocese de Lins, considerada a mais progressista do Interior. Um de seus principais inspiradores foi o ex-padre René Parren, holandês, que abandonou o celibato para se casar com a brasileira Lúcia Espicaske, que também é vinculada à CPT. Coincidentemente, foi naquela região que tiveram início os movimentos de invasões, apresentados sempre como resultados da iniciativa popular". Numa sala nos fundos da Igreja Matriz N. S. das Graças, em Andradina, o casal faz funcionar todo o esquema que a qualquer momento pode resultar em mais uma invasão de terras na região.

(Página 9)